

economia

Uso de IA cresce no mercado de investimentos

Especialistas avaliam que a ferramenta fortalece a análise de dados, mas não elimina riscos inerentes à atividade

/ MERCADO FINANCEIRO

Nicolas Pasinato

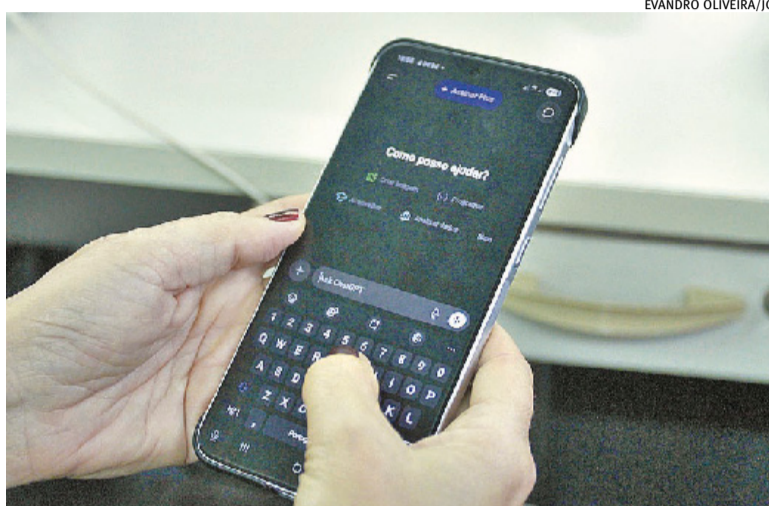
nicolasp@jcrs.com.br

Pesquisa feita pela consultoria Bridgewater, divulgada em abril deste ano, aponta que 60% dos brasileiros investem em Inteligência Artificial (IA) para ajudar no processo de tomada de decisão. Neste novo contexto, impõe-se a reflexão sobre quais são os ganhos e quais os eventuais riscos da utilização da ferramenta na hora de investir.

A psicóloga Jessica Nogueira faz parte do grupo que utiliza a IA como suporte em suas decisões financeiras. “Utilizo para avaliar o equilíbrio da minha carteira, analisar possíveis oportunidades de investimento e me auxiliar na escolha de ativos, considerando meu perfil e meus objetivos”, relata. A psicóloga revela que também emprega a ferramenta como instrumento de educação financeira, buscando esclarecer dúvidas e aprender sobre temas relacionados ao mercado.

Ela conta que, até o momento, a sua experiência tem sido positiva. “Percebo que o uso da IA contribuiu para melhorar a qualidade das minhas decisões e a performance dos meus investimentos”, celebra.

Apesar dos benefícios, a psi-



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Seis em cada dez brasileiros veem como positiva a IA no dia a dia

cóloga ressalta a importância de utilizar a ferramenta com cautela. “Acredito que a IA é uma excelente ferramenta de apoio quando utilizada com responsabilidade e senso crítico. Saber formular perguntas de maneira adequada ajuda a obter respostas mais precisas e úteis. Ainda assim, considero importante buscar conhecimento em outras fontes e não tomar decisões baseando-se exclusivamente nas informações fornecidas pela IA”, reflete.

Na mesma linha, o economista e professor da Escola de Negócios da Pucrs, Rafael Disconzi, sustenta que a Inteligência Artificial pode ser confiável como ferramenta de apoio, mas

não como instância final de decisão. Ele alerta que o ato de investir envolve uma série de elementos, como análise de risco, objetivos pessoais, horizonte de tempo, liquidez, tributação, cenário macroeconômico e comportamento do investidor – dimensões que nem sempre são plenamente capturadas por uma ferramenta automatizada.

“Em renda variável, por exemplo, ela pode ajudar a analisar indicadores, resultados, tendências setoriais e notícias relevantes, mas não consegue garantir desempenho futuro. Em renda fixa, pode auxiliar na comparação entre prazos, indexadores, taxas e liquidez, mas ainda exige cuidado com risco

Como usar a IA de maneira segura?

Para o economista e professor da Escola de Negócios da Pucrs, Rafael Disconzi, o modo mais seguro de utilizar a Inteligência Artificial na hora de investir é usá-la como copiloto analítico, não como piloto automático.

“Uma boa prática é inverter a lógica: em vez de perguntar ‘qual ativo devo comprar?’, o investidor deveria perguntar ‘quais riscos devo avaliar antes de investir neste ativo?’, ‘quais premissas sustentam essa decisão?’, ‘em quais cenários esse investimento pode performar mal?’ ou ‘como essa alternativa se encaixa em uma carteira diversificada?’, sugere.

Além disso, o professor

recomenda que as informações obtidas por meio da IA sejam sempre confrontadas com fontes oficiais, como lâminas de fundos, documentos de oferta, demonstrações financeiras, comunicados ao mercado, relatórios de corretoras, sites de emissores e órgãos reguladores.

“A Inteligência Artificial não substitui educação financeira, diversificação, gestão de risco e disciplina. Mas, quando bem utilizada, pode elevar o nível de consciência do pequeno investidor, ajudando-o a tomar decisões mais informadas, menos impulsivas e mais alinhadas aos seus objetivos”, finaliza Disconzi.

de crédito, marcação a mercado e adequação ao perfil do investidor. Portanto, a IA é útil para ampliar a qualidade da análise, desde que o investidor compreenda suas limitações”, defende.

Na mesma direção, o sócio e líder da XP Investimentos na Região Sul, Renato Sarreta, avalia que a Inteligência Artificial ampliou o acesso à informação financeira, mas também trouxe novos desafios para quem toma decisões de forma independente.

“Muitas ferramentas conseguem gerar respostas rápidas e aparentemente sofisticadas, mas nem sempre levam em conta o contexto completo do investidor, como perfil de risco, objetivos de longo prazo, situação patrimonial e momento de vida”, alerta. Sarreta chama atenção ainda para a possibilidade da IA poder reproduzir informações desatualizadas, superficiais ou até mesmo equivocadas quando utilizadas sem critérios técnicos.

Inteligência Artificial redefine o papel das assessorias de finanças

A Inteligência Artificial vem transformando a rotina dos assessores de investimentos, em um movimento semelhante ao observado em outras profissões fortemente baseadas na análise de dados. Com a automação de tarefas operacionais, esses profissionais passam a dedicar mais tempo ao planejamento financeiro e ao relacionamento com os clientes.

“Com o apoio de ferramentas baseadas em IA, o assessor passa a ter acesso mais rápido a análises, históricos consolidados, sugestões de alocação e informações comportamentais, o que reduz o tempo gasto com atividades repetitivas e amplia a capacidade de atuação estratégica”, afirma o head de arquitetura e dados da XP Inc, Gabriel Santos.

Segundo ele, a mudança reposiciona o papel do assessor no mercado. Na prática, o pro-

fissional deixa de atuar apenas como estruturador de carteiras para assumir uma função mais abrangente, conectando as decisões de investimento aos objetivos, prioridades e diferentes momentos da vida financeira de cada cliente.

Santos destaca que as ferramentas de IA permitem acesso mais ágil a históricos consolidados, sugestões de alocação, vencimentos de ativos e indicadores de comportamento financeiro. A tecnologia também fortalece a gestão do relacionamento com os investidores ao organizar informações relevantes, como marcos importantes, oportunidades de aporte e pontos de contato ao longo da jornada do cliente.

“A lógica é clara: usar a IA para ganhar escala, consistência e precisão, sem substituir o julgamento humano. O assessor continua sendo o responsável

por interpretar contexto, entender objetivos e tomar decisões alinhadas à trajetória financeira de cada cliente, com a tecnologia atuando como um facilitador da qualidade na entrega”, conclui.

O Rio Grande do Sul tem se destacado no mercado de assessores de investimento no País. Atualmente, o Estado conta com 2.941 profissionais dessa área, o maior contingente da região Sul. Juntos, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná formam a segunda região mais representativa do País, concentrando 24,5% dos assessores de investimento em atividade. À frente está apenas o Sudeste, responsável por 61,6% do total de profissionais credenciados.

Na sequência aparecem o Nordeste, que concentra 7,2% dos profissionais, o Centro-Oeste, com 5,4%, e o Norte, com 1,3%. Os dados são da Associação Na-

cional das Corretoras e Distribuidoras de Títulos e Valores Mobiliários, Câmbio e Mercadorias (Ancord).

Segundo o levantamento mais recente da entidade, o Brasil ganhou 1.072 novos assesso-

res de investimento credenciados nos quatro primeiros meses de 2026.

Com isso, o número total de profissionais chegou a 27.425 até abril, distribuídos por todas as regiões do País.



SPENCER PLATT/GETTY IMAGES NORTH AMERICA/GETTY IMAGES VIA AFP/JC

Profissionais direcionam tempo ao planejamento e relacionamento